

PROPOSTA DE ENSINO DOS TERMOS ATRIBUÍDOS ÀS PLANTAS DANINHAS

PROPOSAL FOR TEACHING THE TERMS ATTRIBUTED TO WEED PLANTS

Renata Fernandes de Matos¹, Marcela Agostinho Lourenço²

Recebido: junho/2025 - Aprovado: junho/2026

RESUMO: As plantas daninhas são espécies vegetais de ocorrência indesejada que competem com as culturas agrícolas pelos recursos do ambiente, ocasionando danos e perdas econômicas. O presente trabalho tem por objetivo descrever uma proposta de ensino para os termos atribuídos às plantas daninhas. O estudo apresenta abordagem qualitativa, a qual foi desenvolvida no curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, na disciplina de Controle de Plantas Daninhas, no semestre 2024.1. Foi realizada uma aula sobre as denominações atribuídas a essas espécies, contemplando-se os termos: planta daninha, erva daninha, planta invasora, infestante, espontânea, voluntária, pioneira, residual, silvestre, exótica, parasita, trepadeira, mato e inço. Esta proposta indica que o termo planta daninha é o mais adequado para ser utilizado e mostra os contextos em que os demais termos podem ser empregados corretamente. Uma grande receptividade e participação dos alunos foram observadas, e estes compreenderam a importância de se estudar o tema. Fica, assim, proposta essa atividade de ensino, que pode ser replicada, com ou sem adaptações.

PALAVRAS-CHAVE: ervas daninhas, agronomia, plantas espontâneas.

ABSTRACT: Weeds plants are undesirable plant species that compete with agricultural crops for environmental resources, causing damage and economic losses. The present study aims to describe a teaching proposal regarding the terms attributed to weed plants. The study presents a qualitative approach, which was developed in the Agronomy course at the Federal University of Ceará, in the Weed Control discipline, during the 2024.1 semester. A class was conducted on the denominations attributed to these species, covering the terms: weed plant, weed, invasive plant, infesting plant, spontaneous plant, volunteer plant, pioneer plant, residual plant, wild plant, exotic plant, parasitic plant, climbing plant, brushwood, and “inço”. This proposal indicates that the term weed plant is the most appropriate to be used and shows the contexts in which the other terms may be correctly employed. Great receptiveness and participation from the students were observed, and they understood the importance of studying the topic. Thus, this

- 1 <https://orcid.org/0000-0003-4394-5218> - Doutora em Agronomia/Fitotecnia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora do curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. Departamento de Fitotecnia, Bloco 805, Campus do Pici, CEP 60356-001, Fortaleza, Ceará, Braisl. E-mail: renata.matos@ufc.br
- 2 <https://orcid.org/0009-0002-8912-8213> - Graduada em Agronomia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Mestranda no programa de pós-graduação em Agronomia/Fitotecnia da Universidade Federal do Ceará (UFC), Fortaleza, Ceará, Brasil. Departamento de Fitotecnia, Bloco 805, Campus do Pici, CEP 60356-001, Fortaleza, Ceará, Braisl. E-mail: marcelaagostinho12345@gmail.com





teaching activity is proposed, and it may be replicated, with or without adaptations.

KEYWORDS: weeds, agronomy, spontaneous plants.

Introdução

As plantas daninhas são espécies vegetais que ocasionam impactos nas áreas de interesse humano (PITELLI, 2015), sejam estas áreas agrícolas, silvícolas ou de pastagens. Sérios prejuízos são observados nos ecossistemas em que estas espécies estão presentes, uma vez que desencadeiam problemas ambientais e econômicos, colocando em risco a disponibilidade global de alimentos (LEE; THIERFELDER, 2017).

Por apresentarem elevada capacidade competitiva, as plantas daninhas consomem os recursos disponíveis para as culturas, como água, luz e nutrientes (PITELLI, 1987), o que se configura como o principal impacto sobre a produção agrícola (GALLANDT; WEINER, 2015). As plantas daninhas também podem atuar como hospedeiras para patógenos (SALES JÚNIOR et al., 2012), realizar a liberação de compostos aleloquímicos no ambiente (CREMONEZ et al., 2013) e ocasionar intoxicações alimentares nos animais (BRIGHENTI et al., 2017), o que demonstra o seu potencial prejudicial.

São diversos os termos utilizados para denominar essas espécies. Comumente, observa-se o emprego dos termos “planta daninha”, “erva daninha” e “planta invasora” ao se referir a elas (PITELLI, 2015). Apesar de esses termos serem empregados como sinônimos, apresentam significados diferentes, que, muitas vezes, não condizem com a realidade em que são empregados.

A denominação “planta daninha” faz referência às características danosas que essas espécies apresentam sobre a produção agrícola (PITELLI, 2015). O termo “erva daninha”, apesar de também fazer referência aos danos, não contempla todas as espécies, pois a palavra erva refere-se apenas às plantas herbáceas (OLIVEIRA JÚNIOR; CONSTANTIN; INOUE, 2011). Já a denominação “planta invasora” remete às plantas que invadem uma determinada área (HARLAN; WET, 1965), também não caracterizando adequadamente estas espécies.

Além dessas denominações, diversos outros termos também são utilizados, como planta infestante, espontânea, voluntária, pioneira, residual, silvestre, exótica, parasita, trepadeira, mato e inço. Com essa variedade de denominações, é comum ocorrer a aplicação errônea desses termos, que, muitas vezes fazem referência ao hábitat, ao comportamento ou ao grau de indesejabilidade dessas espécies (FERREIRA, 2019), e não, de fato, ao seu caráter danoso.

O termo “planta daninha” é, assim, considerado o mais adequado, sobretudo no contexto agrônomo (PITELLI, 2015), pois essas espécies também podem ocasionar danos em outras áreas, como os ambientes aquáticos. A utilização deste termo faz referência aos danos ocasionados à produção agrícola, sejam eles diretos, como a perda de produtividade, ou danos indiretos, como o comprometimento da atividade de colheita.



Em diversas situações, diferentes termos são utilizados como sinônimos para plantas daninhas. Na linguagem informal, os agricultores se apropriam destas denominações e as utilizam nos seus contextos de vivência, o que, apesar de não condizer com os seus significados originais, não pode ser considerado algo errado, pois eles aprenderam essas denominações na prática e passaram a utilizá-las no seu dia a dia, observando-se variações de uma região para outra.

Contudo, ao se tratar da linguagem formal e dos diversos campos de aplicação desse conhecimento, um cuidado maior deve ser observado ao se utilizar algum termo para se referir às plantas daninhas. É comum que, em livros, artigos, revistas e sites, o termo planta daninha seja substituído por outros termos que apresentam significados diferentes, os quais acabam sendo disseminados, pois os leitores, ao não compreenderem essa distinção, não priorizam sua correta aplicação, situação que se torna ainda mais relevante diante da necessidade de ampliar o conhecimento sobre as próprias plantas daninhas (CONCENÇO et al., 2013).

Nesse contexto, é necessário que, no ensino de plantas daninhas, seja dada uma atenção especial à correta denominação dessas espécies. Nos cursos de Agronomia, nos quais esse tema é estudado, é necessária uma abordagem ampla da correta denominação, assim como dos demais termos que podem ser empregados, possibilitando aos alunos uma adequada compreensão, o que os levará à sua correta aplicação.

Apesar da importância dessa abordagem, muitas vezes os alunos passam pelas disciplinas de plantas daninhas sem conhecer as diferenças entre os termos empregados e sem compreender a necessidade de utilizar a terminologia adequada. Essa situação, por vezes, é atribuída à falta de material didático que possibilite o embasamento das aulas e à falta de metodologias de ensino que despertem a atenção dos alunos e fortaleçam o aprendizado. Além disso, soma-se a isso o grande volume de informações abordadas na disciplina, fazendo com que o tema seja tratado de forma superficial.

Diante das informações apresentadas, o presente trabalho tem por objetivo descrever uma proposta de ensino sobre as diferentes denominações atribuídas às plantas daninhas, visando diferenciar cada termo e contextualizar a sua correta aplicação.

Metodologia

Esse estudo foi desenvolvido com base na abordagem qualitativa, a qual possibilita uma compreensão detalhada e aprofundada dos fatos investigados (MINAYO, 2009). Esse tipo de metodologia possibilita atribuir sentido e valorizar o tema em estudo (PINTO; CAMPOS; SIQUEIRA, 2018), o que contribui para a articulação entre a teoria e a prática na vivência das experiências relatadas.

A atividade aqui descrita foi desenvolvida no curso de Agronomia da Universidade Federal do Ceará, Campus do Pici, Fortaleza-CE. Nesse curso é ofertada a disciplina de “Controle de Plantas Daninhas”, na qual a prática foi realizada durante o semestre 2024.1, contando com 23 alunos matriculados.

No início da disciplina, é abordado o conteúdo de “Introdução ao estudo das plantas daninhas”, o qual contempla a denominação e a definição dessas espécies. Como essa aula envolve outros assuntos



relacionados às plantas daninhas, como origem, evolução, aspectos maléficos e benéficos, foi realizada apenas uma contextualização sobre o significado das plantas daninhas, sendo o estudo dos termos realizado em uma aula à parte.

Nesse segundo momento, foram abordados os diferentes termos atribuídos a essas espécies, sendo estes: planta daninha, erva daninha, planta invasora, planta infestante, planta espontânea, planta voluntária, planta pioneira, planta residual, planta silvestre, planta exótica, planta parasita, planta trepadeira, mato e inço. Para cada denominação, foi indicado seu significado e mencionadas suas características, sendo, sempre que possível, realizadas comparações entre elas.

A aula foi conduzida com base na utilização de slides, elaborados a partir de termos-chave, preconizando o uso de textos reduzidos, a fim de facilitar o entendimento dos alunos. A sequência dos termos apresentados possibilitou que, a princípio, fossem conhecidas as principais denominações, abordando-se, de forma consecutiva, os termos que poderiam gerar interpretações similares, a fim de possibilitar sua distinção.

A aula contou com a participação dos alunos durante toda a sua condução. No início da atividade, foram entregues papéis com as denominações que seriam estudadas e, a cada vez que uma denominação era explicada, o(a) aluno(a) que havia sorteado o referido termo deveria mencionar se concordava ou não com a sua utilização para nomear as plantas daninhas, explicando o porquê de sua resposta.

Ao final da abordagem dos termos, houve um momento para que os alunos expressassem suas percepções sobre a importância da realização dessa aula e sobre como ela os ajudaria durante a disciplina. Também foi proposta uma atividade para o aprofundamento do assunto, na qual os alunos deveriam ler o artigo “O Termo Planta-Daninha”, de Pitelli (2015), e indicar se concordavam com a utilização dessa denominação.

Foram utilizados como instrumentos de coleta de dados a observação participante, os registros das interações realizadas em sala de aula e a atividade proposta aos alunos ao final da abordagem dos termos. A observação participante ocorreu durante toda a condução da aula, possibilitando acompanhar a receptividade, o envolvimento e as percepções dos estudantes em relação aos conteúdos trabalhados. Os registros das interações contemplaram as manifestações orais dos alunos durante os momentos de discussão e participação na dinâmica proposta. Já a atividade escrita, desenvolvida a partir da leitura do artigo citado, possibilitou identificar a compreensão dos estudantes acerca das denominações atribuídas às plantas daninhas e de seus contextos de aplicação. Esses instrumentos permitiram reunir informações qualitativas sobre a contribuição da proposta para o processo de ensino e aprendizagem.

Resultados e discussão

Com a realização desta atividade, pôde-se apresentar aos alunos os diferentes termos empregados para denominar as plantas daninhas, os quais estão representados nos slides da Figura 1. Para cada termo, explicou-se o seu significado e contextualizou-se a razão de sua utilização para se referir às plantas



daninhas. Com essas informações, foi possível indicar em quais situações cada um dos termos é empregado erroneamente para se referir a essas espécies e em quais condições seu emprego é considerado adequado.

Figura 1 – Slides utilizados para a explicação dos diferentes termos atribuídos às plantas daninhas.

Planta daninha	Faz referência aos danos ocasionados às plantas cultivadas As plantas são daninhas apenas no sentido agrônômico Biologicamente, as plantas não são daninhas ou úteis, são apenas plantas	Erva daninha	É um termo informal criado pelos agricultores Não contempla todas as espécies, pois algumas não são ervas, mas sim plantas de portes maiores
Planta invasora	Refere-se às plantas que invadem um determinado local Podem invadir e ocasionar danos ou invadir sem gerar prejuízos São invasoras apenas quando constatadas pela primeira vez na área	Planta infestante	São plantas que infestam o local por meio da dispersão de suas estruturas reprodutivas Para isto, já devem estar estabelecidas na área As plantas invasoras passam a ser infestantes após uma geração
Planta espontânea	É a planta que germina e emerge espontaneamente Mas isto não significa que ela irá ocasionar prejuízos ao meio Toda planta daninha é espontânea, mas nem toda planta espontânea será daninha	Planta voluntária	É oriunda de sementes remanescentes de culturas agrícolas São também denominadas de plantas tigueras ou plantas guaxas Passam a ocasionar danos às culturas em sucessão
Planta pioneira	É a planta que se origina em locais com condições inóspitas Colonizam o ambiente na primeira fase de sucessão ecológica Apresentam crescimento rápido e grande produção de sementes	Planta residual	Refere-se às plantas diferentes das desejadas na área São consideradas resíduos por não terem funções como observado para as plantas cultivadas



Planta silvestre	É a planta que nasce e se reproduz de forma espontânea, sem ter sido cultivada Faz referência às plantas que vivem na natureza e não tem contato com o ser humano	Planta exótica	É a planta que foi introduzida em uma área, na qual não ocorreria naturalmente
Planta parasita	É a planta que, a partir de outra planta, obtém os recursos necessários para a sua sobrevivência A obtenção pode ser parcial ou total	Planta trepadeira	É a planta que cresce e se desenvolve sobre outra planta ou sobre alguma estrutura Não necessita dos recursos da planta suporte
Mato	Vegetação constituída por plantas não cultivadas e que não apresentam utilidade Esse termo pressupõe um coletivo de plantas e não um indivíduo ou uma população	Inço	Plantas que crescem entre as espécies cultivadas e não são englobadas na colheita Esse termo refere-se a restos, resquícios, resíduos...

Fonte: Autoria própria (2024).

A princípio, foi indicado aos alunos que havia muitos termos, sendo contempladas 14 denominações nesta aula. Explicou-se também que a diferenciação de alguns termos e a real compreensão do que são as plantas daninhas poderiam apresentar certo grau de complexidade; contudo, era exatamente isso que justificava a realização da aula, uma vez que os estudantes serão futuros profissionais e, independentemente da área em que forem atuar, é bastante provável que se deparem com essas espécies.

A grande quantidade de termos chamou a atenção dos alunos, os quais, desde o início da aula, mostraram-se surpresos ao perceber a quantidade de nomes atribuídos a essas plantas. Muitas das denominações já eram de conhecimento dos alunos; outras, no entanto, foram novidade para eles, que não sabiam que as plantas daninhas também poderiam ser assim denominadas.



Logo no início da aula, percebeu-se que essa atividade contou com grande receptividade por parte dos estudantes, fazendo com que eles se interessassem e se envolvessem com a sua realização. O emprego de metodologias diferenciadas em sala de aula é, assim, uma estratégia eficaz no processo de ensino, pois aumenta a compreensão dos alunos sobre conceitos difíceis de serem aprendidos (GUSC; VAN VEEN- DIRKS, 2017), sobretudo ao contar com a participação destes, que, nesta atividade, apresentaram grande engajamento.

Esta proposta de ensino foi elaborada com base nas denominações citadas, por todas serem utilizadas como sinônimos para as plantas daninhas, o que foi identificado tanto na prática, ao vivenciar situações de campo, como na teoria, por meio da análise da literatura. Alguns dos termos abordados são amplamente utilizados por diversos profissionais da área; outros são mais aplicados a contextos locais ou mesmo a situações em que o termo correto não é lembrado.

O primeiro termo abordado foi “planta daninha”, indicando-se, nesta proposta, começar por este por ser considerado o mais adequado para representar essas espécies (PITELLI, 2015), o que possibilita fornecer aos alunos uma referência para comparação com as demais denominações. Na abordagem desse termo, é importante deixar claro que essas plantas são consideradas daninhas no contexto agrônomo, não constituindo, portanto, um grupo específico de espécies.

Essa explicação é necessária porque, biologicamente, as plantas daninhas não se distinguem das demais plantas, sendo esta uma distinção realizada pelo homem, a partir do momento em que separou as plantas úteis para sua utilização daquelas que não tinham serventia aparente. Apesar dessa separação, as plantas não úteis continuaram a evoluir, ao ponto de se tornarem mais especializadas e competirem com as plantas cultivadas pelos recursos do ambiente, sendo o próprio homem o responsável pela sua evolução (LORENZI, 2008).

Após a abordagem do termo “planta daninha”, indica-se a abordagem de “erva daninha”, pois, em relação aos danos que ocasiona, esse termo apresenta o mesmo significado. Essa denominação é tão utilizada quanto “planta daninha”, sendo possível inferir que, na linguagem popular, seja até mais frequente, estando amplamente difundida entre os agricultores e também nos ambientes acadêmicos, de forma que pessoas que não conhecem essas espécies, ao se referirem a elas, as chamam de ervas daninhas.

Apesar da grande difusão dessa denominação e de ela fazer menção aos danos ocasionados, o termo “erva” refere-se às plantas de porte herbáceo, as quais apresentam pouca lignificação de suas estruturas. Mesmo que a maioria das plantas daninhas seja, de fato, composta por ervas, essa denominação não contempla todas as espécies (BRIGHENTI; OLIVEIRA, 2011), pois algumas plantas daninhas são arbustivas, como a fruta-de-lobo (*Solanum lycocarpum*), ou mesmo arbóreas, como a embaúba (*Cecropia peltata*) (CARVALHO, 2013). Por isso, o termo “erva daninha” deve ser evitado.

Na sequência, propõe-se que seja abordado o termo “planta invasora”, pois, assim como os termos anteriores, é um dos mais utilizados. Essa denominação indica que a espécie invadiu o local em que é observada, sendo esse termo empregado para se referir às plantas daninhas porque, ao se fazer um cultivo e surgirem espécies indesejáveis na área, considera-se que estas invadiram o local. Contudo, muitas



vezes essas espécies já estavam presentes na área antes da implantação do cultivo, não podendo, assim, ser denominadas invasoras. Além disso, mesmo que as plantas não sejam observadas na área, pode ser constatada a presença da espécie no banco de sementes do solo.

Apesar de as plantas daninhas serem denominadas invasoras (FONTES; SHIRATSUCHI, 2003), para que uma espécie seja considerada invasora, ela deve ter sido observada pela primeira vez na área, o que configura o período em que ocorreu a invasão. As espécies de fato invasoras são espécies não nativas que ocasionam impactos sobre os ecossistemas naturais (ZILLER, 2001), sendo capazes de se disseminarem para áreas distantes e nelas se estabelecerem, invadindo novas regiões (MORO et al., 2012).

A partir da abordagem dessas três denominações, a ordem de apresentação dos demais termos pode ser modificada, sendo a sequência aqui proposta adotada a partir da percepção das relações entre os termos, de forma que, ao abordar um termo, as informações apresentadas auxiliem no entendimento do termo posterior. Mesmo com essa indicação, abordagens diferentes podem ser realizadas para cada termo, o que possibilita ajustes na ordem utilizada.

Após o termo “planta invasora”, foi apresentada a denominação “planta infestante”, pois, após uma geração em que as plantas invasoras estão estabelecidas na área, estas passam a ser consideradas plantas infestantes, uma vez que desenvolvem a capacidade de infestar o local em que se encontram por meio da dispersão de suas estruturas reprodutivas. Isso, no entanto, só é possível se essas espécies estiverem estabelecidas na área, ou seja, se inicialmente forem invasoras. Dessa forma, justifica-se a abordagem desse termo em sequência ao termo anterior.

O termo “planta infestante” (MOREIRA; BRAGANÇA, 2011), no entanto, não pode ser utilizado com o mesmo sentido do termo “planta daninha”, pois uma planta, mesmo que daninha, pode se reproduzir e se dispersar em uma área, formando uma comunidade infestante, sem estar em um nível populacional capaz de ocasionar danos econômicos. Contudo, é comum que as plantas daninhas apresentem grande potencial de infestação, fazendo com que o uso desse termo seja recorrente. Isso pode ser observado em espécies como o picão-preto (*Bidens pilosa*), que pode produzir mais de 600 sementes por planta, e a buva (*Conyza bonariensis*), que pode produzir até 800.000 sementes por planta (MENDES; SILVA, 2022).

A denominação “planta espontânea” refere-se à planta que germina ou emerge espontaneamente. Todas as plantas daninhas são espontâneas, pois surgem na área sem terem sido cultivadas e, muitas vezes, em grandes densidades, o que faz com que esse termo seja utilizado em substituição ao termo “planta daninha”, tornando sua aplicação correta sob esse ponto de vista.

Contudo, nem toda planta espontânea é daninha. Algumas plantas surgem espontaneamente nas áreas de produção agrícola, mas, por estarem em baixa densidade ou por não apresentarem mecanismos aprimorados para a aquisição dos recursos do meio, não ocasionam danos. Outras podem surgir espontaneamente em áreas não agrícolas e, nessas condições, também não ocasionar danos, o que as distancia ainda mais do significado de planta daninha. Dessa forma, compreende-se que esse termo nem sempre será adequado, devendo-se dar preferência ao emprego do termo “planta daninha”.



O termo “planta voluntária” assemelha-se, em interpretação, à planta espontânea, o que faz com que também seja utilizado como sinônimo de planta daninha. As plantas voluntárias, apesar de também surgirem espontaneamente, são oriundas de sementes remanescentes das culturas agrícolas, restringindo seu ambiente de observação aos campos de produção, sendo também denominadas tiguerras ou guaxas (OLIVEIRA JÚNIOR; CONSTANTIN; INOUE, 2011).

Quando essas plantas competem com as culturas agrícolas e ocasionam danos a elas, podem ser consideradas plantas daninhas. Contudo, isso nem sempre é observado, pois muitas vezes surgem em pequenas quantidades no cultivo em sucessão, já que as tecnologias de colheita estão cada vez mais aprimoradas, resultando em poucas sementes remanescentes na área, como observado para culturas como a soja e o milho.

A partir dessa denominação, passam a ser abordados termos que também são empregados para se referir às plantas daninhas, porém com menor frequência de utilização. É importante que alguns termos, mesmo menos frequentes, sejam abordados, pois os alunos podem se deparar com eles em diferentes situações, precisando compreender quando sua aplicação será correta ou não.

O termo “planta pioneira”, quando empregado para se referir às plantas daninhas, apresenta o mesmo sentido de planta espontânea; contudo, ambos possuem significados diferentes. As plantas pioneiras são aquelas que primeiro ocupam uma área, pois contam com capacidade de sobrevivência em condições inóspitas, sendo esse termo amplamente empregado ao se tratar de espécies florestais e não de plantas daninhas.

Compreende-se que as plantas daninhas não devem ser chamadas de pioneiras, pois, mesmo sendo observadas na área pela primeira vez, outras espécies, daninhas ou não, já estiveram presentes, indicando que a denominação “pioneira” não se aplica. Além disso, espécies daninhas observadas em uma área podem já ter estado presentes anteriormente, pois contam com a capacidade de formação de bancos de sementes, cuja composição e dinâmica apresentam variações de acordo com o sistema de manejo adotado (KUVA et al., 2008; MONQUERO et al., 2011).

“Planta residual” é outro termo utilizado. Ao contrário da denominação anterior, a interpretação desse termo remete às plantas daninhas, pois estas são, por muitos agricultores, consideradas resíduos, no sentido de não terem serventia. Porém, é necessário mencionar que as plantas daninhas são organismos biológicos que, muitas vezes, apresentam melhor adaptação e desenvolvimento do que as plantas cultivadas, o que faz com que não sejam exatamente resíduos, já que muitas possuem características benéficas, como a proteção do solo e a atratividade para abelhas (CARVALHO, 2013).

Denominar uma planta daninha como planta residual não caracteriza corretamente o que essas espécies são. As plantas daninhas podem ser consideradas resíduos quando ocorre o seu controle e os restos vegetais permanecem sobre o solo. Isso é possível quando são empregados métodos de controle, como o mecânico e o químico, após os quais as plantas mortas permanecem na área (CARVALHO, 2013).

Devido aos aspectos rudimentares que muitas espécies daninhas apresentam, é atribuída a elas a denominação “planta silvestre”. Essa atribuição ocorre no sentido de indicar plantas com as quais o



agricultor não deseja contato, ou seja, plantas indesejadas em sua área. Contudo, o significado de planta silvestre remete a plantas que crescem em ambientes isolados, sem contato com o ser humano, o que evidencia uma distorção de significado na utilização desse termo.

Essa indesejabilidade das plantas daninhas em uma área ocorre em virtude do seu grande potencial de infestação, já que essas espécies se disseminam facilmente pelos campos agrícolas. Além disso, apresentam rápido crescimento vegetativo, alta capacidade de florescimento, elevada produção de sementes, facilidade de dispersão, mecanismos variados de dormência e alta plasticidade fenotípica, desenvolvendo-se bem em condições adversas (CARVALHO, 2013).

É possível observar também a atribuição do termo “planta exótica” às plantas daninhas. As plantas exóticas são espécies deslocadas do seu ambiente natural de ocorrência, sendo introduzidas em áreas nas quais não ocorreriam naturalmente. Por esse sentido de introdução, as plantas daninhas são chamadas de exóticas, indicando espécies que foram introduzidas ou passaram a ocorrer na área.

O aparecimento de uma nova espécie daninha em uma área configura um risco para a produção das culturas, pois algumas são altamente agressivas e de difícil controle. No Brasil, o caruru-palmeri (*Amaranthus palmeri*), considerado uma praga quarentenária, passou a ser observado na região de Mato Grosso, gerando sérias preocupações em relação ao seu controle e disseminação. Isso porque essa espécie pode ocasionar perdas de 70% a 100% em culturas como soja, milho e algodão (IKEDA, 2014), representando grandes prejuízos econômicos.

Outras denominações atribuídas às plantas daninhas fazem referência ao hábito de vida dessas espécies, como é o caso de “planta parasita”. Uma planta parasita é caracterizada pela utilização de outra planta para a obtenção de recursos necessários à sua sobrevivência, como nutrientes, o que ocorre por meio da utilização de um tipo especial de raiz, conhecido como haustório (LEAL et al., 2006).

As plantas daninhas utilizam os recursos que deveriam estar disponíveis para as plantas cultivadas; contudo, isso não ocorre necessariamente por meio do parasitismo, o que não justifica o uso amplo do termo “planta parasita” para denominá-las. Apenas algumas espécies de plantas daninhas são parasitas, como as pertencentes aos gêneros *Striga* spp., *Orobanche* spp. e *Cuscuta* spp., para as quais o termo “parasita” pode ser adequadamente atribuído.

Nesse mesmo sentido, “planta trepadeira” é outra denominação que faz referência ao hábito de vida. Por isso, indica-se que esse termo seja apresentado próximo ao termo anterior, seja antes ou depois, como ocorre neste caso. As espécies trepadeiras também se desenvolvem em associação com outras plantas, porém não necessariamente utilizando seus recursos diretamente.

Como espécies daninhas de hábito trepador, podem ser citados o cipó-de-viado (*Polygonum convolvulus*), o balãozinho (*Cardiospermum halicacabum*) e o melão-de-são-caetano (*Momordica charantia*) (CARVALHO, 2013). É importante que, durante a condução da aula, sejam mencionados exemplos de espécies daninhas com esse hábito de vida, podendo-se focar em espécies de importância econômica para a região, como a viúva-alegre (*Cryptostegia madagascariensis*), mencionada na aula e já familiar aos alunos.



Foram abordadas ainda denominações em que os termos não eram iniciados pela palavra “planta”, as quais, nesta proposta, ficaram alocadas ao final da aula. A denominação “mato” é amplamente utilizada para se referir às plantas daninhas; contudo, pode ser interpretada como correta ou incorreta. Seu uso correto é justificado pela ampla divulgação do termo, associada à ciência Matologia, destinada ao estudo dessas espécies. Assim, é comum observar essa palavra em diversos veículos de divulgação científica.

Já o uso incorreto baseia-se no significado atribuído à palavra “mato”, a qual faz referência a um conjunto de plantas (PITELLI, 2015) sem serventia aparente. Dessa forma, esse termo refere-se a um coletivo de espécies, não sendo adequado para indicar, por exemplo, uma espécie isolada de planta daninha. Além disso, mesmo que as plantas referidas como mato ocasionem danos ao ambiente, estes não ocorrerão necessariamente sobre as atividades agrícolas.

A abordagem desse termo revelou diferentes pontos de vista entre os alunos. Alguns concordaram em não utilizar essa denominação para as plantas daninhas; outros indicaram que ela seria aplicável. Com isso, ressalta-se a importância de instigar os alunos a refletirem sobre as informações apresentadas em sala de aula, possibilitando-lhes expressar suas percepções e compartilhar seus pontos de vista, o que é essencial para a construção do conhecimento em um contexto coletivo.

O último termo abordado foi “inço”. Inicialmente, explicou-se aos alunos que esse é um termo bastante informal e atualmente pouco utilizado; contudo, era necessário que fosse conhecido, pois os estudantes poderiam se deparar com ele em algum momento. Ressalta-se, aqui, a importância de valorizar e abordar as denominações informais, pois, na prática, é com elas que os alunos irão se deparar em seus campos de trabalho, o que exigirá deles a capacidade de se adequarem ao ambiente em que estiverem inseridos.

O termo “inço” refere-se às plantas que, por não serem úteis, não são englobadas na colheita, expressando o sentido de restos ou resíduos. Esse termo passou a ser utilizado para se referir às plantas daninhas por existirem espécies que brotam entre as plantas cultivadas, não contemplando, contudo, exatamente a definição do que é uma planta daninha.

Com a abordagem desse termo, encerrou-se a sequência de denominações utilizadas. Apesar da grande quantidade de termos apresentados, percebeu-se que a aula não foi considerada cansativa pelos alunos, pois estes se interessaram pelo assunto e se envolveram com a condução da atividade, apresentando seus pontos de vista, independentemente de concordarem ou não com cada denominação.

A cada vez que um termo era abordado, solicitava-se que o aluno que o havia sorteado no início da aula expressasse seu ponto de vista sobre sua utilização. Foram diversas as manifestações dos estudantes: alguns afirmaram concordar com o uso do termo, outros discordaram e outros ainda estabeleceram condições para que ele pudesse ser utilizado, o que demonstra a existência de diferentes percepções sobre como as plantas daninhas podem ser denominadas.

A participação dos alunos durante a aula possibilitou que a atividade de ensino se tornasse mais atrativa. Quando um termo era abordado, o aluno responsável por comentá-lo demonstrava maior atenção



à explicação e, ao mesmo tempo, preparava-se para apresentar sua resposta, o que fez com que a turma permanecesse concentrada durante toda a aula, favorecendo positivamente o processo de aprendizagem.

Indica-se que essa dinâmica de participação dos alunos seja incorporada à abordagem dos termos, pois, além de favorecer a atenção durante a aula, faz com que os estudantes também sejam agentes do ensino, ao compartilharem suas percepções e conhecimentos. Dessa forma, uma melhor aprendizagem torna-se possível, pois, além de aprenderem com o professor, os alunos aprendem também com os colegas, favorecendo o entendimento de como são múltiplas as possibilidades de aquisição do conhecimento.

Após a abordagem dos termos, perguntou-se se os alunos gostariam de fazer mais alguma consideração sobre o assunto, sendo esse um momento livre em que qualquer estudante poderia se manifestar. Foi comum que muitos alunos destacassem a importância de aprender sobre o tema, afirmando ser necessário saber qual termo é correto e deve ser utilizado, assim como compreender em quais situações os demais termos podem ser empregados, levando ao entendimento de que o objetivo da aula foi atingido.

Para encerrar o momento, foi proposta uma atividade para entrega posterior, na qual os alunos deveriam ler o artigo “O Termo Planta-Daninha”, de Pitelli (2015). Perguntou-se aos alunos se percebiam algo diferente no título do artigo, e eles não notaram que “planta-daninha” estava escrita com hífen. O artigo tratava justamente da indicação de adoção dessa denominação com hífen, e os alunos deveriam, após a leitura, responder se concordavam ou não com sua utilização.

Essa atividade constituiu, assim, uma proposta para que os alunos se aprofundassem no tema da aula. Ao mesmo tempo, buscou-se despertar neles a percepção de que mesmo o termo considerado mais correto (“planta daninha”), e que foi enfatizado ao longo de toda a abordagem da aula, poderia sofrer variações, neste caso relacionadas à sua escrita, demonstrando o quanto a denominação das plantas daninhas é um tema amplo.

Considerações finais

A abordagem dos termos atribuídos às plantas daninhas é de grande relevância para a formação dos estudantes de Agronomia. Ao conhecerem essas denominações e compreenderem os seus contextos de aplicação, os estudantes poderão, com maior propriedade, referir-se a essas espécies, favorecendo a disseminação dos termos considerados corretos e adaptando-se às realidades em que os termos considerados inadequados são utilizados.

Esta proposta de ensino constitui uma indicação para a abordagem dos termos atribuídos às plantas daninhas, podendo ser replicada conforme descrita. Ela também pode sofrer modificações, a fim de adaptá-la à realidade em que será empregada. Dessa forma, alterações podem ser realizadas em relação aos termos abordados, permitindo a incorporação de denominações que não foram contempladas nesta aula, mas que, dependendo da região, podem ser amplamente utilizadas.

A ordem de abordagem dos termos também pode ser modificada. Contudo, recomenda-se que seja estabelecido um critério para a apresentação desses termos, possibilitando aos alunos construir uma



linha de raciocínio em que o estudo de um termo facilite a aquisição de conhecimentos sobre o termo posterior, favorecendo tanto o processo de ensino quanto o de aprendizagem.

Alterações também podem ser realizadas em relação às informações apresentadas nos slides. Os slides elaborados para esta aula constituem apenas uma proposta do que pode ser utilizado em sua realização, servindo como um guia para a abordagem do assunto. Diversas outras informações relacionadas aos termos não estão presentes nesses materiais, mas foram apresentadas oralmente aos alunos, compondo, assim, o conteúdo da aula.

É importante que o público da aula seja conhecido, pois podem ser necessárias alterações tanto nos slides quanto em toda a condução do momento, a fim de favorecer a inclusão de alunos com necessidades específicas. Dessa forma, com base na presente proposta, podem ser realizadas modificações que, ao atenderem às demandas desses alunos, possibilitem uma aprendizagem de qualidade, valorizando a abordagem do tema.

Apesar de esta proposta estar voltada para a abordagem dos termos atribuídos às plantas daninhas, ela também serve como modelo de atividade que pode ser replicado para a abordagem de diversos outros termos em diferentes áreas. Assim, tanto áreas relacionadas à Agronomia quanto outros campos do conhecimento podem favorecer a aprendizagem de seus alunos por meio da realização dessa atividade.

Sugere-se, ainda, a realização de pesquisas futuras ao longo do semestre, com abordagem quanti-qualitativa, a fim de avaliar o impacto dessa aula na retenção do conhecimento pelos alunos. Para isso, podem ser empregados instrumentos como questionários, entrevistas, observações em sala de aula e análises das produções acadêmicas dos estudantes, possibilitando verificar não apenas o nível de compreensão e o correto emprego dos termos abordados, mas também a percepção dos alunos sobre a contribuição da atividade para sua aprendizagem. Dessa forma, além de demonstrar a eficiência da proposta de ensino, será possível levantar dados quantitativos e qualitativos acerca da influência dessa abordagem na consolidação do conhecimento.

Referências

BRIGHENTI, A. M.; LAMEGO, F. P.; MIRANDA, J. E. C.; OLIVEIRA, V. M.; OLIVEIRA, P. S. **Plantas Tóxicas em Pastagens: (*Senecio brasiliensis* e *S. madagascariensis*) - Família: Asteraceae.** Embrapa Gado de Leite-Comunicado Técnico (INFOTECA-E), 11p, 2017.

CARVALHO, L. B. **Herbicidas.** Lages: Ed. do autor, 62 p. 2013.

CONCENÇO, G.; CECCON, G.; CORREIA, I.; LEITE, F.; ALVES, B. Ocorrência de espécies daninhas em função de sucessões de cultivo. **Planta Daninha**, Viçosa, v. 31, p. 359-368, 2013.

CREMONEZ, F. E.; CREMONEZ, P. A.; CAMARGO, M. P.; FEIDEN, A. Principais plantas com potencial alelopático encontradas nos sistemas agrícolas brasileiros. **Acta Iguazú**, Cascavel, v. 2, n. 5, p. 70-88, 2013.



- FERREIRA, A. G. C. **Levantamento fitossociológico de plantas daninhas em treze áreas experimentais do CCAA, UFMA, Campus IV**. 2019. 59f. TCC (Bacharelado em agronomia) – Universidade Federal do Maranhão, Chapadinha, 2019.
- FONTES, J. R. A.; SHIRATSUCHI, L. S. **Manejo de plantas daninhas na agricultura orgânica**. Documentos, n. 106, Planaltina: Embrapa Cerrados, 28 p. 2003.
- GALLANDT, E.; WEINER, J. **Crop-Weed Competition**. John Wiley & Sons. p. 1-8, 2015.
- GUSC, J.; VAN VEEN-DIRKS, P. Accounting for sustainability: an active learning assignment. **International Journal of Sustainability in Higher Education**, v. 18, n. 3, p. 329-340, 2017.
- HARLAN, J.; WET, J. Some thoughts about weeds. **Economic Botany**, v. 19, p. 16–24, 1965.
- IKEDA, F. **Ministério anuncia programa para conter avanço da praga caruru-gigante**. Canal Rural, 2024.
- KUVA, M. PITELLI, R. A.; ALVES, P.; SANGALO, T.; PAVANI, M. Banco de sementes de plantas daninhas e sua correlação com a flora estabelecida no agroecossistema cana-crua. **Planta Daninha**, Viçosa, v. 26, p. 735-744, 2008.
- LEAL, L.; BUJOKAS, W. M.; BIONDI, D. Análise da infestação de erva-de-passarinho na arborização de ruas de Curitiba, PR. **Floresta**, Curitiba, v. 36, n. 3. 2006.
- LEE, N.; THIERFELDER, C. Weed control under conservation agriculture in dryland smallholder farming systems of southern Africa. A review. **Agronomy for Sustainable Development**, v. 37, p. 1-25, 2017.
- LORENZI, H. **Plantas daninhas do Brasil: terrestres, aquáticas, parasitas e tóxicas**. 4. ed. Nova Odessa: Plantarum, 640 p. 2008.
- MENDES, K. F.; SILVA, A. A. **Plantas Daninhas: Biologia e Manejo**. Cubatão: Oficina de Textos, 2022.
- MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.
- MONQUERO, P.; SILVA, P.; HIRATA, A.; MARTINS, F. Monitoramento do banco de sementes de plantas daninhas em áreas com cana-de-açúcar colhida mecanicamente. **Planta Daninha**, Viçosa, v. 29, p. 107-119, 2011.
- MOREIRA, H. J. C.; BRAGANÇA, H. B. N. **Manual de identificação de plantas infestantes: hortifruti**. São Paulo: FMC Agricultural Products, 2011.
- MORO, M. F.; SOUZA, V. C.; OLIVEIRA-FILHO, A. T.; QUEIROZ, L. P.; FRAGA, C. N.; RODAL, M. J. N.; ARAÚJO, F. S.; MARTINS, F. R. Alienígenas na sala: o que fazer com espécies exóticas em trabalhos de taxonomia, florística e fitossociologia? **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, n. 26, p. 991-999, 2012.



OLIVEIRA JÚNIOR, R.; CONSTANTIN, J.; INOUE, M. H. **Biologia e manejo de plantas daninhas**. Curitiba: Omnipax, 2011.

PINTO, I. F.; CAMPOS, C. J. G.; SIQUEIRA, C. Investigação qualitativa: perspectiva geral e importância para as ciências da nutrição. **Acta Portuguesa de Nutrição**, v. 14, n. 1, p. 30-34, 2018.

PITELLI, R. A. O termo planta-daninha. **Planta Daninha**, v. 33, p. 622-623, 2015.

SALES JUNIOR, R.; OLIVEIRA, O. F.; MEDEIROS, E. V.; GUIMARÃES, I. M.; CORREIA, K. C.; MICHEREFF, S. J. 2012. Ervas daninhas como hospedeiras alternativas de patógenos causadores do colapso do meloeiro. **Revista ciência agronômica**, Fortaleza, v. 43, n. 1, p. 195-198.

ZILLER, S. R. Plantas exóticas invasoras: a ameaça da contaminação biológica. **Ciência Hoje**, v. 30, n. 178, p.77-79, 2001.